

A pastoral deve voltar a Jesus: Inspirações e provocações a partir da obra de J. A. Pagola

Elvis Rezende Messias¹

Resumo: Esse trabalho volta-se ao tema da ação pastoral católica, problematizando alguns de seus desafios na contemporaneidade, considerando também o atual contexto pandêmico, que exige acurados discernimentos pastorais. Contudo, percebemos que, mais do que impor novidades, a pandemia do coronavírus escancarou problemas e crises que já estavam postos na estrutura social e eclesial, alguns dos quais já consideravelmente denunciados pela Igreja. Assim, nosso objetivo geral é refletir sobre os desafios contemporâneos da pastoral à luz das inspirações e provocações presentes na obra *Voltar a Jesus: para a renovação das paróquias e comunidades*, de José Antonio Pagola. O procedimento metodológico é bibliográfico-documental, voltando-se a fontes escritas e documentos eclesiais publicados, ambos marcados por análises teóricas já desenvolvidas em seu bojo. O escopo metodológico é descritivo, expondo a estrutura reflexiva básica de nosso objeto e possibilitando um diálogo qualitativo com um referencial teórico que também se volta à necessidade de discernir a pastoral hoje em chave cristológica-evangélica, tal como o *Documento de Aparecida* e, sobretudo, a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, que é a fonte inspiradora da obra de Pagola aqui resgatada.

Palavras-chave: José Antonio Pagola. Pastoral. Papa Francisco. Voltar a Jesus.

INTRODUÇÃO

Voltar a Jesus: para a renovação das paróquias e comunidades é um livro do padre espanhol José Antonio Pagola, publicado na Espanha em 2014 e no Brasil em 2015. A obra tem como tema basilar a atividade pastoral das paróquias, trilhando um itinerário reflexivo que faz uma importante análise da situação atual do anúncio e vivência da fé em tempos de transformação da organização estrutural das sociedades. O texto perpassa provocações pastorais do Vaticano II ao resgate do projeto humanizador de Jesus, à luz da proposta pastoral presente na exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), de Francisco.

O trabalho de Pagola é, então, anterior ao atual contexto pandêmico que vivemos no mundo. Contudo, como sabemos, “o mundo inteiro já passava por graves problemas quando explodiu a pandemia. [...] O coronavírus foi um catalisador” (GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA – CNBB, 2021, p. 1). Os problemas da fome, da pobreza, da miserabilidade transformada em projeto econômico por grupos políticos de poder, do modelo ecologicamente predatório de desenvolvimento socioeconômico, da crise sanitária, do descaso político

1 Mestre em Educação pela UNIFAL-MG. Especialista em Filosofia pelo Claretiano. Licenciado em Filosofia pela UEMG. Bacharelado em Teologia pela UCDB. Especialização em andamento em Doutrina Social da Igreja pela PUC-GO. Membro dos grupos de pesquisa LeRMOT (Cnpq, PUC Minas), LEPHAMA (Cnpq, UEMG) e TEDE (Cnpq, UNINCOR). Docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (Campanha). Professor no Instituto Filosófico São José (Diocese da Campanha/MG). E-mail: elvismessias.prof@gmail.com

e da sociedade civil em geral para com os sistemas de saúde e, especialmente, para com a saúde pública, da fragilidade dos pobres, que são os primeiros a serem frontalmente atingidos por toda essa conjuntura economicista global, dentre outras coisas que poderiam ser elencadas aqui, já são objetos de denúncia por parte da atividade pastoral da Igreja há muitas décadas. O vírus da indiferença e esse modelo econômico que mata já não são “coisas novas”.

O *Documento de Aparecida* (DAp), em 2007, por sua vez, em consonância com todo o *corpus* da Doutrina Social da Igreja e com as demais Conferências Gerais do episcopado latino-americano e caribenho, resgatou a perenidade histórica da opção de amor preferencial pelos pobres como ponto central de interpelação e inspiração pastoral para a Igreja: “Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAp, 396).

Ora, levando em consideração que a salvação que nos foi conquistada por Jesus é uma salvação integral e que, como tal, abrange todas as dimensões da nossa existência (cf. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, CDSI, 1), a evangelização do social é parte irrenunciável de toda a pastoralidade da Igreja, é um direito seu e também um dever (cf. CDSI, 70-71). A dimensão social da fé encontra no próprio Jesus seu paradigma eloquente e supremo: nele se vê a que ponto chega o compromisso de Deus com a integralidade de nossa condição, o nível de reprovação direcionado a uma sociedade que oprime a dignidade humana e o especial cuidado pastoral que devotava aos pobres e sofredores – entendidos de modo abrangente, e não com facciosismo classista, em perspectiva categorial teológica, cristológica e antropológica, além da sociológica (cf. EG, 198).

É nessa perspectiva central, então, que se insere o texto *Voltar a Jesus*, (PAGOLA, 2015). Dividido em oito capítulos, ele está singularmente comprometido com o espírito da exortação apostólica *Evangelii Gaudium* e versa sobre a prática pastoral da Igreja a partir de um eixo transversal que procura resgatar o essencial da vida e da missão do cristianismo: Jesus Cristo. Daí, portanto, que o livro reflita sobre a necessidade de uma volta radical da pastoral a Ele.

Voltar a Jesus traz consigo a exigência de uma maneira de experimentar e de anunciar o Evangelho como Palavra que é, ao mesmo tempo, dinamicamente viva, radicalmente fecunda e profundamente simples, com implicações irrenunciavelmente globais e, ao mesmo tempo, fortemente contextuais. No texto perpassa uma eclesiologia simultaneamente universal, diocesana e doméstica, e uma pastoral complementarmente missionária e discipular.

Em tempos de pandemia, aqueles que (re)descobriram esse mistério da vivência cristã nos paradoxos do necessário isolamento social, também puderam experimentar o renovado frescor que brota da fonte mesmo do cristianismo, tal como tem ensinado a ação pastoral de Francisco, que, segundo Pagola,

[...] chama-nos a uma conversão radical: ‘Voltar à fonte e recuperar a frescura original do Evangelho’, e voltar a Jesus Cristo, que ‘pode

romper os esquemas enfadonhos em que O pretendemos aprisionar; e surpreender-nos com a sua constante criatividade divina' (PAGOLA, 2015, p. 8).

1. A IGREJA É CHAMADA A UMA RENOVAÇÃO PASTORAL EVANGÉLICA

Depois de tantos séculos em que se promoveu o anúncio da fé ignorando o diálogo, não é fácil agora aprender a dialogar de um dia para o outro. [...] apesar das iniciativas que vão senso ensaiadas, na Igreja continuamos pensando, em boa parte, de acordo com o esquema da oferta e da procura [...] Será que esta formulação é a mais adequada para suscitar hoje a fé na consciência das pessoas que vivem na sociedade moderna? (PAGOLA, 2015, p 19-20).

Pagola provoca-nos a pensar na insuficiência de algumas práticas pastorais, mesmo daquelas tidas como inovadoras. A realidade eclesial, como instituição social, é um ambiente de trocas diversas, como as trocas simbólicas, em que signos linguísticos vão adquirindo sentidos distintos conforme cada interlocutor, ainda que com um relativo respaldo doutrinário já professado e que procura dar um sentido universal mínimo à fé e ao agir do cristão.

Ora, esses sentidos doutrinários que se pretendem universais são comumente marcados por importações pessoais ou grupais, evidenciando como certas relações de poder podem interferir diretamente na forma como os estilos de anúncio e vivência da fé se consolidam ou não, bem como nos sentidos que as palavras do anúncio podem adquirir ao longo de cada época. Sentidos distintos refletem visões de mundo epocais e como cada um oferece sentidos distintos conforme seus mercados linguísticos. Mesmo dentro de uma mesma cosmovisão existem conflitos de sentidos e diferentes lugares de fala.

Também a ação pastoral é marcada por distintos lugares de fala e de sentidos – e não cabe aqui a ingenuidade de pensar que pelo menos ela seja neutra culturalmente. Nenhuma linguagem humana desenvolvida é livre das condições sociais específicas de sua produção, não sendo pura, neutra, absoluta nem inocente. Assim sendo, a renovação crítica das práticas de anúncio da fé cristã e de denúncia das condições desumanizadoras se faz urgente. Por outro lado, a fim de que essas renovações não se constituam numa mera atitude externa de pouca validade, se faz fundamental a (re)descoberta radical da essência da proposta de Jesus.

Inicialmente, para alguns, isso poderia expressar a cabal justificativa da necessidade de uma *pastoral reacionária*, de uma opção pelo restauracionismo ou de um neoclericalismo que reforce a passividade do povo cristão (PAGOLA, 2015, p. 22-27). Para outros, porém, isso pode expressar o momento propício para um completo abandono do que a Igreja já fez até aqui, fundamentados numa compreensão apressada do que se deve entender por uma “época de mudança” que gerou uma “mudança de época” (DAP, 44), ou seja, como se devêssemos pensar numa espécie de ação pastoral novidadeira, sem o peso das “antiquadas” experiências

que a “velha” Igreja acumulou em seus dois mil anos. Consideramos que ambas as posturas se equivaleriam a “dar marcha à ré” (PAGOLA, 2015, p. 24), a um fechamento às fecundas “surpresas de Deus [...] à novidade do Espírito Santo” (FRANCISCO apud PAGOLA, 2015, p. 29).

Pagola aponta para a existência de uma abertura diferenciada ao ministério dos leigos engajados nas comunidades, e que isso é sinal de uma Igreja em postura mais dialogal e “em saída”. Mas alerta para o fato de que, ainda assim, há também sinais de um cansaço pastoral, de um ardor missionário que custa se sustentar, de pouco espaço para uma mistagogia eficaz na caminhada de todo o povo da Igreja ao encontro pessoal e comunitário com Jesus, a fonte. Há situações problemáticas que se repetem: uma verborreia discursiva que pouco atinge a vida de fé das pessoas; superficialidade medíocre nas pregações; liturgismo que abafa a vivacidade concreta da liturgia; medo de se investir na formação dos leigos, seja em nível paroquial, diocesano e mesmo acadêmico; paróquias e dioceses que deixam que seus leigos busquem formação e aperfeiçoamento por si, mesmo sabendo que os altos custos financeiros de uma boa formação acadêmica impedem que uma parte esmagadora do laicato alcance tais formações, além do perigo de muitos beberem em fontes formativas fáceis na internet que, não raramente, prestam um efetivo desserviço de difusão de polarismo, retrocessos, divisões e mesmo de reacionarismo; pastorais sociais desnutridas e sistematicamente esquecidas – e mesmo perseguidas – em muitas realidades eclesiais; o contratestemunho daquela fraternidade convincente, daquele amor entre nós que Jesus chegou a dizer que seria a fonte do reconhecimento de nosso discipulado (cf. Jo 13, 35). Como estamos superando tudo isso? Qual a importância dessas coisas em nossos projetos pastorais?

Uma visão realista de nossa conjuntura é um importante caminho para necessárias e imprevisíveis transformações. É preciso uma pastoralidade crítica de si e de seu entorno. Conforme interpelou o papa Paulo VI na abertura da segunda sessão do Concílio Vaticano II: o que tem a Igreja a dizer de si mesma? E, a partir de sua autoanálise, como a Igreja tem feito chegar sua Mensagem ao mundo social? Tais considerações são importantes, a fim de que não passemos “da ‘primavera conciliar’ para uma situação que Karl Rahner chegou a qualificar, pouco antes de sua morte, como ‘inverno eclesial’” (PAGOLA, 2015, p. 26).

No capítulo 3 de *Voltar a Jesus*, Pagola destaca uma marcante provocação da pastoralidade de Francisco à Igreja: “Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção” (EG, 49). Isso nos leva a pensar no perigo que há em nos sentirmos blindados à (auto)crítica. Ora, quem está livre daquela fé enclausurada no eu, do elitismo eclesial, do catolicismo da falsa segurança doutrinal e disciplinar, do pompismo litúrgico, do fascínio do poder? Quem de nós não corre o risco de cair no pragmatismo pastoral e espiritual, de encerrar-se nos modelos eclesiais enfadonhos e autorreferenciados, na falta de criatividade e ousadia? Quem está blindado do perigo de esquecer que a ressurreição é um convite e um desafio que interpelam, e não um mero “final feliz” e anestesiante? (cf. HALÍK, 2020).

Pagola destaca que as homilias do papa Francisco na Casa Santa Marta marcam-se pela advertência de que “este é o centro da Igreja, levar a Jesus [...]’. Precisamos voltar a Cristo” (PAGOLA, 2015, p. 31-32). Desse modo, o chamado a uma renovação evangélica da pastoral da Igreja está presente desde o princípio de seu pontificado. Pagola destaca três orientações gerais, com indicações pontuais iluminadoras à renovação pastoral, presentes na *Evangelii Gaudium*, conforme apresentamos no quadro a seguir (PAGOLA 2015, p. 29-44):

Orientação Geral	Indicações pontuais
1) <i>Recuperar o frescor original do Evangelho</i>	*Voltar ao encontro pessoal com Jesus. *Vivenciar e anunciar o essencial do Evangelho. *Escutar o reino de Deus nos chama.
2) <i>Atentar-se às formas desvirtuadas de cristianismo</i>	*Mundanismo espiritual. *Formas doentes de espiritualidade: alívio intimista, crise de identidade pessoal e comunitária, consumismo espiritual, espiritualidade do bem-estar sem comunidade e sem encontro. *Estilos de vida que dificultam a renovação evangélica: pragmatismo, tristeza, relativismo prático, economicismo, carreirismo. *A guerra entre nós.
3) <i>O caminho concreto para a conversão da Igreja</i>	*Sair para as periferias existenciais – Igreja em saída, pobre e dos pobres. *Alguns meios concretos para impulsionar a renovação: pastoral em chave missionária; ousadia; criatividade; repensar objetivos, estruturas, estilos e métodos; processo diocesano de discernimento, purificação e reforma; contato com as famílias e realidades do povo paroquial; simplicidade na estrutura paroquial, desburocratização, antielitismo, descentralização; promoção do protagonismo eclesial dos leigos, numa evangelização de todos feita por todos e em consideração pela dignidade humana no seu todo; fuga da autopreservação; agilidade nas mudanças; discipulado e conversão constantes das pessoas e estruturas (conversão pessoal-pastoral) em chave missionária.

(Elaboração própria)

A compreensão de Pagola é a de que o projeto pastoral de nossos tempos deve inserir-se numa “perspectiva ampla da missão evangelizadora, a partir de uma Igreja que sai de si

mesma” e que pede “que mudemos atitudes e esquemas arraigados” (PAGOLA, 2015, p. 41), dado que “o evangelho de Jesus é muito mais do que um anúncio verbal” (PAGOLA, 2015, p. 34). Todos os antídotos apresentados às formas desvirtuadas de cristianismo enfatizam que “não podemos ficar tranquilos, em espera passiva, em nossos templos” (EG, 44) e exigem o “abandono deste cômodo critério pastoral: ‘fez-se sempre assim’” (EG, 33). Ao contrário, insiste Francisco: “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo!” (EG, 15).

2. VOLTAR A JESUS: A GENUÍNA TRADIÇÃO

[...] me dói muito comprovar como em algumas comunidades cristãs, e mesmo entre pessoas consagradas, se dá espaço a várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, desejos de impor as próprias ideias a todo custo, e até perseguições que parecem uma implacável caça às bruxas. Quem queremos evangelizar com esses comportamentos? (EG, 100).

Contundente o questionamento de Francisco. Marcante provocação pastoral. Vivemos esse problema atualmente, com séria implicação na pastoralidade da Igreja: o clima de polarismo tem ganhado força; a divisão é visível. A implicação pastoral é clara: alguns, arrogando a si mesmos a missão (falsa) de (pseudo)apologetas de uma (pretensa) sã doutrina, têm despreendido um modelo de “evangelização” marcadamente ofensivo à própria unidade da Igreja. À custa da pretensão de se defender a “Tradição católica”, muitas atitudes deixam entrever um verdadeiro *modus operandi* protestante. Atitudes assim pautam-se em um marcante “clima antimodernista” e terminam por ver “a fumaça de satanás” em todas as perspectivas colegiadas, sinodais e dialogais da Igreja contemporânea. Embora resgatem constantemente o dogma da “infallibilidade papal” para rebaterem essas perspectivas, não raramente terminam por acusar o papa de herege confesso e de comunista, quando, na verdade, ele só faz cumprir o seu esforço de fidelidade pastoral ao Evangelho.

E o ponto chave do livro de Pagola encontra-se aqui:

No fundo dos gestos e apelos do papa, creio descobrir uma convicção primordial: a virada de que precisa o cristianismo atual, a conversão radical e decisiva consiste simplesmente em voltar a Jesus para enraizar a Igreja com mais verdade e mais fidelidade em sua pessoa, em sua mensagem, em seu projeto do reino de Deus e em seu destino de morte e ressurreição. Muitas coisas deverão ser feitas, sem dúvida, nos próximos anos no campo pastoral, catequético, litúrgico, social... mas nada é mais decisivo do que promover a conversão a Jesus Cristo (PAGOLA, 2015, p. 45).

Esse “voltar a Jesus” se trata de uma questão de conversão e fidelidade. O fundamento da Tradição é chave para a doutrina e para a ação pastoral da Igreja, a fidelidade a ela é

elemento constitutivo de identidade eclesial. Inevitavelmente, a fidelidade nos leva a relacionar aquilo que já foi vivido no passado com aquilo que está sendo vivido no presente, convocando a presença atuante da memória, providenciando o encontro entre o ontem e o hoje e abrindo perspectivas de futuro.

Ora, (re)pensar a ação pastoral da Igreja sob o imperativo do “voltar a Jesus” faz todo sentido, sobretudo pelo fato de que – pelo menos para os cristãos – é o nosso passado que fundamenta todo o nosso presente, e a fidelidade é justamente este olhar atento para a realidade, sem se esquecer de que seu fundamento se encontra no que já foi vivido e que continua vivo entre nós e em nós. Nesse sentido, é preciso entender que a fidelidade à Tradição não se trata de um engessamento pragmático nem de um saudosismo por modelos sociais e eclesiais já superados. Sem a compreensão de que é o próprio Jesus, por antonomásia, a nossa Tradição (Mensagem, Mensageiro e Transmissão Viva de ambos), se restarão apenas pequenas tradições e tantos tradicionalismos e o equívoco da identificação apressada entre o Evangelho e um ou outro modelo superado de sociedade do passado.

O *aggiornamento* de que falava João XXIII e que marca o espírito eclesiológico-pastoral do Vaticano II não se trata de uma “negociata” da doutrina da Igreja equivalente a uma infidelidade de sua parte. Como bem disse na abertura do Concílio: “Temos o dever de discordar desses profetas da miséria, que só anunciam infortúnios, como se estivéssemos no fim do mundo” (JOÃO XXIII, 2007, p. 29). O *aggiornamento* é a experiência sempre viva da Verdade, do Caminho e da Vida que é o próprio Jesus. Ele é o mesmo, ontem, hoje e sempre. Quem muda somos nós, dado que não somos perfeitos; mudamos, dado que somos pessoas, abertas ao mais de nosso ser, e sempre podemos e devemos nos aprofundar no mistério que nos foi revelado e no modo como o expressamos ao mundo em cada época e contexto.

Uma coisa é o depósito da fé, as verdades que constituem o conteúdo doutrinário propriamente dito. Outra, o modo como são expressas, mantendo-se sempre o mesmo sentido e a mesma verdade. Deve-se dar grande importância a essa maneira de exprimir e buscá-la com toda a paciência necessária [...] por razões pastorais. (JOÃO XXIII, 2007, p. 32).

Olhar genuinamente para a Tradição é olhar para a sua Fonte Genuína: o próprio Jesus, com o exemplo concreto do seu jeito de ser compartilhado com os apóstolos, conforme os relatos das Escrituras e das experiências das comunidades que nos legaram seu testemunho da vitalidade e do frescor da Palavra de Deus feito carne. Sem Jesus não têm apóstolos nem Tradição apostólica. A Tradição não é a eclesiologia do complexo social medieval ou de um outro período histórico tomado isoladamente. Só a partir dessa visão é que se pode compreender a importância, mas também os limites das demais tradições eclesiais que se foram e se vão constituindo ao longo do tempo. Há uma “cadeia” hierárquica irrenunciável que liga as *várias tradições eclesiais à Tradição apostólica*, e esta, por fim, à sua *fonte genuína*, que é o próprio Cristo. Como expressa o *Catecismo da Igreja Católica* (CAT):

A Tradição da qual aqui falamos é a que vem dos apóstolos e transmite o que estes receberam do ensinamento e do exemplo de Jesus e o que receberam por meio do Espírito Santo. [...] Dela é preciso distinguir as “tradições” teológicas, disciplinares, litúrgicas ou devocionais surgidas ao longo do tempo nas Igrejas locais. Constituem elas formas particulares sob as quais a grande Tradição recebe expressões adaptadas aos diversos lugares e às diversas épocas. *É à luz da grande Tradição que estas podem ser mantidas, modificadas ou mesmo abandonadas*, sob a guia do Magistério da Igreja (CAT, 83. Itálicos nossos).

Assim, o “voltar a Jesus” e ao frescor do Evangelho é uma questão de fidelidade, pois traz em si uma exigência eminentemente – e transcendentemente – radical: é um voltar à raiz, no mistério da atualização *kayrológica* do ontem *cronológico* de Jesus em nosso hoje, sempre tão perene e novo, que nos permite uma experiência de futuro *escatológico* na vivência concreta do seu “já” no “ainda não” da nossa vida eclesial e de nossa prática pastoral.

No cristianismo não se trata de seguir uma doutrina engessada e feita de “tradições”, nem do seguimento de ideias ou estratagemas:

A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que ‘não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande idéia (*sic*), mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva’ (DAp, 12).

3. A PASTORAL DA COMPAIXÃO: JESUS, A IGREJA E OS POBRES

Pagola expressa que o *voltar a Jesus* se materializa em atitudes: “converter-nos a Jesus” (PAGOLA, 2015, p. 46-47); “nova relação com Jesus” (*ibidem*, p. 47-48); “introduzir a verdade de Jesus em nosso cristianismo” (*ibidem*, p. 48-51); “recuperar a identidade de discípulos de Jesus” (*ibidem*, p. 51-53).

Alguém, contudo, poderia objetar-nos dizendo que há aqui o perigo de se aderir a “um Jesus sem a Igreja”. Mas não se trata disso. A exortação é a de que não caiamos no erro de “uma Igreja sem Jesus”, embaraçada no meio de tantas tramas pastorais burocráticas que não conseguiria chegar ao essencial da fé cristã: à comunhão com o Deus Trino revelado em sua personalidade e, a partir disso, àquela fecunda comunhão também com as pessoas com as quais convivemos em sociedade (cf. *Dei Verbum*, 2).

Por tudo que se refletiu até aqui nesse trabalho, notam-se relações entre o livro de Pagola, as propostas da *Evangelii Gaudium* e as orientações do *Documento de Aparecida*, que é anterior aos outros dois. Sua urgência pastoral ainda precisa ser resgatada e (re)descoberta.

Todos os germes da exortação de Francisco estão no documento da Conferência Latino-Americana e Caribenha de 2007. Aliás, é importante lembrar do que diz Cleto Caliman:

O Card. Jorge Bergoglio participou ativamente da Conferência de Aparecida como presidente da Comissão de Redação do Documento. Hoje, como Papa Francisco, ele dá uma amplitude universal ao Magistério Episcopal da América Latina do Caribe. Uma amostra especial desse novo passo pode ser encontrada na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* (CALIMAN, 2018, p. 115).

Segundo *Aparecida*, “em nossa Igreja temos de reforçar quatro eixos”: 1. *A experiência religiosa*: profundo encontro pessoal com Jesus Cristo, havendo coerência entre o anúncio do querigma e o testemunho pessoal daqueles que o vivenciam; 2. *A vivência comunitária*: espaço de fecunda acolhida fraterna, valorização humana, inclusão e corresponsabilidade; 3. *A formação bíblico-doutrinal*: não simplesmente como conhecimento teórico e frio, mas como alimento de graça ao crescimento espiritual, pessoal e comunitário; 4. *O compromisso missionário de toda a comunidade*: identidade intrínseca da Igreja, apelo irrenunciável à “saída” ao encontro da situação dos afastados (DAp 226).

Aparecida também apresenta “cinco aspectos fundamentais” do processo de formação cristã dos católicos em nosso continente: 1. *O encontro com Jesus Cristo*: origem da iniciação cristã, sem o qual só restariam esterilidades pastorais; 2. *A conversão*: resposta inicial a Jesus numa busca constante de ser como ele; 3. *O discipulado*: amadurecimento constante no conhecimento, amor e seguimento de Jesus, fortalecendo a conversão inicial e a perseverança na missão; 4. *A comunhão*: sabendo que não existe vida cristã sem a comunidade e compromisso de solidariedade fraterna; 5. *A missão*: a Igreja não é um grupo autoreferenciado, mas a família de Deus, comunidade dos que conhecem e amam a Jesus, e experimentam “a necessidade de compartilhar com os outros a sua alegria” (DAp 278).

Convergem-se nas três obras a centralidade cristológica e a necessidade de se atentar para que a sistemática dos programas pastorais brote da própria vitalidade da experiência de Jesus, a fim de que a Pastoral seja uma expressão eficaz da experiência do Pastor. Ou seja, a vida de fé é chamada a ser, de fato, algo vital, buscando “recuperar [e efetivar] o projeto humanizador de Deus” (PAGOLA, 2015, p. 67).

Assim, pode-se dizer que precisamos de uma urgente *Pastoral da Compaixão*. Essa expressão, na verdade, é teologicamente redundante, pois todo pastoreio deveria ser solicitude compassiva. Mas, sabemos que nem sempre tem sido assim. Jesus mesmo atribui a si o título de Bom Pastor (Jo 10, 11), o que evidencia que nem todo pastorear é conforme o seu próprio coração de Pastor (cf. Jr 3, 15).

Então, sim, *Pastoral da Compaixão*. É verdade que ninguém deseja ser objeto de compaixão – e talvez por isso mesmo ela seja uma pastoralidade tão necessária –, pois uma situação que pede compaixão é aquela de profundo sofrimento e, não raramente, de desrespeito à

dignidade humana. Assim, a compaixão nos impulsiona à saída, à proximidade que vê compassivamente, que torna nosso o sofrimento de outrem e que cuida, para que a ocasião causadora de sofrimento cesse o quanto antes. O Bom Pastor (Jo 10) é também o Samaritano (Lc 10, 25-37). Eis aí a necessária *volta a Jesus* e todo o roteiro teológico básico para a *pastoral* em nossos tempos.

Essa pastoral, contudo, reconhece que o pobre sofredor é lugar e sujeito teológico, singular objeto do amor redentor de Deus e protagonista da ação pastoral. Esse pastoreio não encerra os outros na passividade. A Igreja é chamada a reconhecer que não trabalha *para* os pobres, mas que *age com* eles, que é dos pobres, e que é, ela mesma, pobre, sempre necessitada da solicitude compassiva do Bom Pastor. E essa prerrogativa que toma os pobres como sujeitos de sua própria formação é fundamental ao cristianismo, como tem reafirmado Francisco: “Cristo falou de uma sociedade onde os pobres, os frágeis e os excluídos sejam os que decidam. Não os demagogos, mas o povo, os pobres, os que têm fé em Deus ou não, mas são eles a quem temos que ajudar a obter a igualdade e a liberdade” (FRANCISCO, 2016); “desejo uma Igreja pobre para os pobres. Estes têm muito para nos ensinar” (EG, 198).

Trata-se, enfim, de uma pastoral que é expressão do Deus que só é verdadeiramente glorificado quando sua criação é respeitada e dignificada: “todas as vezes que fizestes isso a um destes mínimos que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes! (Mt 25, 40)”.

CONCLUSÃO

Voltar a Jesus apresenta reflexões à luz da *Evangelii Gaudium* que nos interpelam a uma verdadeira renovação da ação pastoral da Igreja. Fundamenta-se na redescoberta do frescor do Evangelho, na radical “volta à Fonte” e no discipulado-missão comprometido com o estilo de vida do Mestre, com o Reino e com a dignidade integral do ser humano.

O imperativo do livro nos convida a tomar consciência de que a fé cristã é uma “opção vital”. Àquele que tem fé faz-se o chamado para redescobrir o valor da Verdade – Jesus Cristo – e “voltar a Ela”. A pastoral de hoje deve saber lidar com diversos desafios, sem ter medo de optar pelo Invisível (RATZINGER, 2006, p. 40), o mesmo invisível que nos leva a enxergar mais nitidamente os invisibilizados pelas injustiças e a lutar comprometidamente contra elas.

É nessa ótica que *Voltar a Jesus* propõe uma pastoral não do anúncio fragmentador da fé, mas que, com criticidade, deve ser bem vivenciada a partir da fonte genuína do encontro com o Verbo, na denúncia dos anti-humanismos da conjuntura social atual e na superação de métodos de evangelização que, embora tenham prestado um serviço singular em certas épocas, se mostram ineficazes atualmente. A Teologia Pastoral, assim, deve assumir hoje sua vocação (auto)crítica com compromisso cada vez mais aprofundado, com maior consciência

da complexidade da sua ação e do contexto onde atua a religião, vencendo toda ameaça de amadorismo, de pragmatismo e de providencialismo (cf. BRIGHENTI, 2013).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. 1. ed. Tradução Oficial da CNBB. Brasília: Edições CNBB, 2018.

BRIGHENTI, Agenor. Ciência da Religião aplicada à ação pastoral. In: PASSOS, João Décio. USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de ciência da religião*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013.

CALIMAN, Cleto. A Conferência de Aparecida: do contexto à recepção. In: BRIGHENTI, Agenor. PASSOS, João Décio (Orgs.). *Compêndio das conferências dos bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2018.

CELAM. *Documento de Aparecida*: documento conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado latino-americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*: Ao Episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus / Loyola, 2013.

FRANCISCO. Entrevista a Eugenio Scalfari. *La Repubblica*. 11 nov. 2016. Disponível em: <https://www.repubblica.it/vaticano/2016/11/11/news/scalfari_papa_francisco_trump_no_lo_juzgo-151826657/>. Acesso em: 13 abr. 2021.

GRUPO DE ANÁLISE DE CONJUNTURA – CNBB. *O povo de Deus sofre com a doença e a fome*. [Subsídio de análise de conjuntura social da 58ª Assembleia Geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil]. 08 abr. 2021. Disponível em: <https://issuu.com/cefep/docs/08_sub_analise_de_conjuntura_social_-_o_povo_de>. Acesso em 14 abr. 2021.

JOÃO XXIII. *Gaudet Mater Ecclesia*. In: CONCÍLIO VATICANO II. *Vaticano II*: mensagens, discursos e documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

HALÍK, Tomás. *Toque as feridas!* In: INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS: São Leopoldo, 20 abr. 2020. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/598198-toque-as-feridas-artigo-de-tomas-halik>>. Acesso em: 14 abr. 2021.

PAGOLA, José Antônio. *Voltar a Jesus*: para a renovação das paróquias e comunidades. Petrópolis: Vozes, 2015. (Trad.: Gentil Avelino Titton).

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2005. (Trad.: CNBB).

RATZINGER, Joseph. *Introdução ao cristianismo*: preleções sobre o Símbolo Apostólico com um novo ensaio introdutório. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2006. (Trad.: A. J. Keller.).